



Representatividade feminina no contrabaixo de orquestra

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC
SUBÁREA: Musicologia

Alicia C. Monsalve Madeira
Universidade do Estado de Minas Gerais
aliciamonsalvem@gmail.com

Andréa Peliccioni Sobreiro
Universidade do Estado de Minas Gerais
andrea.sobreiro@uemg.br

Resumo

A participação feminina na música erudita foi historicamente limitada por normas sociais que restringiam seu acesso a espaços públicos e instrumentos considerados inapropriados. Os impactos desta restrição continuam visíveis e podem ser observados na pequena porcentagem de musicistas que tocam instrumentos graves, grandes e, por muitas vezes, associados à figura masculina, nas orquestras profissionais brasileiras. A partir desta observação, busca-se compreender a razão desta escassez nos naipes de contrabaixo, tomando como base a experiência de vida de três mulheres contrabaixistas de diferentes gerações. A análise comparativa foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas e suas falas foram relacionadas com a bibliografia levantada, procurando fundamentar e expor alguns dos motivos para a carência de mulheres contrabaixistas, sendo alguns deles os papéis de gênero debilitantes, pressuposições associadas a capacidade e habilidade, e a própria falta de representatividade.

Palavras-chave

Representatividade feminina, Mulheres nas orquestras, Contrabaixo de orquestra, Música erudita, Igualdade de gênero.

Female Representation in the Orchestral Double Bass

Abstract

Women's participation in classical music has historically been limited by social norms that restricted their access to public spaces and instruments considered inappropriate. The impacts of this restriction remain visible and can be observed in the small percentage of female musicians who play low-pitched, large instruments -often associated with male figures- in professional Brazilian orchestras. Based on this observation, we sought to understand the reason for this scarcity in the double bass section, taking on the life experiences of three female double bassists from different generations. The comparative analysis was made using semi-structured interviews and their statements were related to the studied literature on the topic, seeking to substantiate and expose some of the motive for the lack of female double bassists, some of which are debilitating gender roles, assumptions associated with ability and skill, and the lack of representation itself.

Keywords

Female Representation, Women in Orchestras, Orchestral Double Bass, Classical Music, Gender Equality.



Introdução

A questão de gênero, e os papéis sociais designados a cada um deles, parece vir influenciando na participação das mulheres na música erudita ao longo dos anos. A pouca representatividade feminina nos naipes de contrabaixo pode ser percebida em diversas orquestras brasileiras. Derivados desta observação, surgem questionamentos como: quais são as experiências e desafios enfrentados pelas contrabaixistas para ingressar e permanecer na música de concerto? Como é o processo de integração feminina nos naipes de contrabaixo, espaço historicamente dominado por homens? Houve mudanças significativas ao longo dos anos? Essas indagações não apenas evidenciam a necessidade de maior inclusão e presença feminina nas orquestras profissionais brasileiras, mas também buscam compreender o impacto que os estereótipos e as estruturas culturais têm na formação e na evolução das carreiras musicais das mulheres.

Com foco na representatividade feminina, esta pesquisa busca compreender os motivos pelos quais a presença de mulheres é escassa nas orquestras, principalmente nos naipes de contrabaixo. Para isso, toma como base a experiência de vida de três mulheres contrabaixistas de diferentes gerações, procurando relacionar seus depoimentos com a bibliografia estudada. A análise comparativa entre entrevistas semiestruturadas e a revisão bibliográfica foi a metodologia escolhida para proporcionar um espaço de fala às mulheres convidadas, onde elas compartilharam suas experiências como contrabaixistas, relataram algumas situações enfrentadas ao longo de suas trajetórias e refletiram sobre ações que possam contribuir para tornar esse cenário mais inclusivo.

A questão da representatividade feminina no contrabaixo de orquestra vai além da simples presença de mulheres nesse contexto, abrangendo a superação de barreiras estruturais e culturais que persistem devido a séculos de estereótipos e papéis de gênero limitantes. Com o intuito de abrir espaço nessa ampla discussão, que pode e deve incluir o impacto de diversas questões além do gênero, este artigo foi elaborado como um ensaio sobre o tema da representatividade feminina nas orquestras, procurando abrir novas oportunidades de visibilidade para o assunto e discutir sobre a presença e a liderança feminina na música erudita brasileira.



Contextualização histórica

Buscando momentos chave da história onde a luta de gênero pode ter impactado o meio musical, três subtemas foram destacados. Sendo eles: “O papel da mulher na música”, contextualizando brevemente suas possibilidades musicais desde os primeiros registros; “A questão de gênero e a performance dos instrumentos”, comentando sobre a relação entre o gênero do instrumentista e sua escolha de instrumento; “O movimento sufragista e a inserção das mulheres nas orquestras”, resumindo os avanços feministas que essa luta promoveu como um todo na sociedade, sintetizando como o conceito de audições às cegas surgiu e a forma que ele influenciou no aumento de instrumentistas femininas nas orquestras profissionais mistas do século XX.

O papel da mulher na música

Nos séculos XVIII e XIX, o papel das mulheres na música era geralmente restrito ao ambiente doméstico, onde eram incentivadas a tocar instrumentos que simbolizavam graça e delicadeza, como o piano, a harpa e o cravo. Em contrapartida, instrumentos como o contrabaixo, trompete e percussão eram considerados inadequados para mulheres, devido à ideia de que exigiam força física ou pareciam pouco femininos. Além disso, a prática pública da música erudita, seja em apresentações ou composições, era frequentemente desencorajada para mulheres das classes médias e altas, que deveriam preservar uma imagem de respeitabilidade e recato (Hallam, Rogers, Creech, 2008; Frederico, 2023).

Porém, na música popular as mulheres que não pertenciam a essa posição social pareciam ter mais liberdade de escolha em relação a sua expressividade musical. Durante sua pesquisa, Sophia Frederico (2023) discorre sobre diversos papéis desempenhados por mulheres na música, traz termos da idade média que eram usados para artistas femininas e até comenta sobre a vida musical das mulheres que não seguiam carreira na música, mas que praticavam essa linguagem em outros contextos.

Além do termo provençal *trobairitz* para nomear trovadoras se tem o termo *menestrells*, para designar um bardo feminino, e *jongleresses*, que se refere a uma malabarista feminina. [...] É possível observar algumas evidências de igualdade de autonomia de homens e mulheres na vida monástica na idade média, porém dentro da clausura dos conventos. Os abades escreviam textos sobre muitos assuntos e muitas vezes forneciam hinos e outras letras, com música, para seus monges, e as abadessas escreviam para suas freiras. [...] Como músicos amadores, as mulheres aristocráticas parecem ter sido iguais aos homens na França medieval. No contexto dos romances medievais franceses, as mulheres certamente atuam com tanta frequência quanto os



homens, e há alguns gêneros em que elas claramente predominam. (Frederico, 2023, p. 13-15)

Este panorama pode sugerir que a música não era uma forma livre de expressão para todas, mas outro meio usado para colocar certas mulheres, principalmente as de altas classes sociais, dentro de moldes. “A sociedade patriarcal concebia a mulher a partir de um modelo rígido: ela era a pedra angular da família, depositária da tradição e responsável pela estabilidade social [...]” (Diniz, 2009 *apud* Rosário, Cunda, 2022, p. 4), onde eram requeridas a serem esposas, mães, donas dos lares e repositórios ambulantes de conhecimentos aleatórios, ditos pela sociedade como características indispensáveis. O impacto deste pensamento ainda pode ser observado e essa realidade foi analisada por Ana Rosário e Daniela da Cunda (2022, p. 10) quando discutem esta questão na esfera sociopolítica, assegurando que

Sem esforços, pode-se concluir que não há políticas públicas sólidas e eficazes a promover uma maior igualdade entre musicistas e músicos brasileiros, não havendo também previsões legais a tutelar “ações afirmativas” nesse âmbito. Da mesma forma, não há identificações claras de “tecnologias de informação e comunicação” a garantir um maior empoderamento das mulheres artistas. Em termos de avaliação e distribuição de recursos econômicos, haveria uma equidade entre as musicistas e músicos independente de seu gênero? E as oportunidades de liderança na área da música? [...] Quantas Orquestras brasileiras estão sob o comando feminino?

Esses questionamentos, levantados pelas autoras com base nas diretrizes legislativas do Brasil, mostram exemplos de como ocorre a desigualdade de gênero no meio musical, seja por falta de espaço ou de incentivo para que mulheres ocupem as vagas disponíveis. Afirmando que

A possibilidade de igualdade de gênero requer, imprescindivelmente, o reconhecimento da conjuntura sociopolítica e econômica desigual e histórica e a interrupção de argumentos calcados na naturalização de gêneros e em relações hierárquicas. É possível, a partir dessas duas bases, haver o primordial diálogo e planejamento eficiente conjunto entre os artistas, a sociedade e o Estado. (Rosário, Cunda, 2022, p. 17)

A questão de gênero e a performance dos instrumentos

Desde a antiguidade, a escolha de um instrumento musical e o gênero da instrumentista eram diretamente relacionados e essa associação surge em um contexto social no qual era aceitável que as mulheres tocassem apenas instrumentos associados à delicadeza e



à graça, que exigissem poucos esforços físicos e não estivessem vinculados a atividades consideradas masculinas, como os instrumentos de percussão e metais, que antigamente eram usados em guerra. Ainda hoje este estereótipo de gênero cria uma espécie de norma implícita que pode influenciar quem se dedica a cada instrumento. Segundo Susan Hallam, Lynne Rogers e Andrea Creech (2008, p. 6),

Historicamente, todas as culturas diferenciaram os papéis de homens e mulheres. A natureza e a extensão dessa diferenciação variaram entre as culturas e dentro delas, dependendo de outros fatores, como classe social e crenças religiosas (Maccoby, 1988; Unger e Crawford, 1992). Um aspecto dessa diferenciação tem sido o estereótipo de gênero das atividades musicais consideradas apropriadas para homens e mulheres e, paralelamente a isso, o estereótipo de gênero de determinados instrumentos. Este último pode depender de uma variedade de fatores, incluindo o formato ou tamanho do instrumento, sua altura tonal, qualidade sonora ou a exigência de determinadas características para tocá-lo, como resistência física. [...] O estereótipo cultural de gênero dos instrumentos inevitavelmente impacta as preferências de meninos e meninas em relação aos instrumentos que desejam tocar, levando as meninas, tipicamente, a preferirem tocar instrumentos menores e de som mais agudo. (tradução nossa)

“Esse é um aspecto da sociologia da música que teve um enorme impacto sobre o papel das mulheres na história da música.” (Frederico, 2023, p. 6) e essa questão pode ser diretamente observada na pequena porcentagem de mulheres que integram os naipes de contrabaixos em orquestras brasileiras, que, além de terem ingressado no mercado de trabalho séculos após os homens, ainda são atravessadas por situações de desencorajamento e descrédito antes e durante sua inserção no meio musical profissional.

O movimento sufragista e a inserção das mulheres nas orquestras

O movimento feminista moderno começou na América por volta de 1848, quando tanto mulheres quanto homens expressaram seu aborrecimento com a falta de direitos políticos das mulheres, a importância de seu status civil, desvantagens na educação e no mercado de trabalho, e um ressentimento geral com os estereótipos que caracterizavam as mulheres. (Jagow, 1998, p. 126- 127, tradução nossa)

Os direitos reivindicados passaram a ser instaurados nos anos 1920, trazendo mais oportunidades de estudos, uma busca por equidade de gênero, direito ao voto, melhores oportunidades de empregos, entre outros. Mas, no meio musical essa mudança foi lenta, tendo em mente que



[...] as mulheres não eram incentivadas a tocar profissionalmente por ser considerado algo inapropriado pela sociedade. Além disso, as mulheres não eram consideradas nem fortes e nem habilidosas o suficiente para tocar outros instrumentos além do piano, ou para sobreviver a rotinas exaustivas de ensaios. (Jagow, 1998, p. 127, tradução nossa)

Uma das maiores contrapartidas a este pensamento foi a criação de orquestras compostas apenas por mulheres, tendo a *Vienna Ladies Orchestra*, organizada por Josephine Weimlich em 1867, e a *Fadette Women's Orchestra*, por Caroline B. Nichols em 1888, como as primeiras que se têm registros. A demora na entrada de mulheres nas orquestras mistas foi fortemente influenciada por preconceitos e estereótipos machistas, sempre questionando sua habilidade e competência a partir do gênero e aparência. Mas, segundo Shelley M. Jagow (1998, p. 128-131)

Em 1903, a discriminação contra mulheres instrumentistas diminuiu um pouco quando o Sindicato Musical de Nova York se filiou à Federação Americana do Trabalho. Essa fusão obrigou as autoridades a aceitar musicistas mulheres qualificadas como associadas. [...] Apesar da decisão da União, não houve aumento substancial na contratação de mulheres musicistas até a prática de audições às cegas em meados do século XX. (tradução nossa)

Tendo em mente que as orquestras femininas foram idealizadas pelo fato de as mulheres não poderem participar dos grupos masculinos, quando a Segunda Guerra Mundial começou e grande parte das orquestras masculinas foram desfalcadas, muitas delas passaram a admitir mulheres para complementar o corpo musical dos grupos e isso corroborou na diminuição, e quase extinção, das orquestras femininas. Porém,

Com o fim da guerra, muitas musicistas se viram desempregadas novamente, mas, em vez de retornarem a orquestras exclusivamente femininas, começaram a pressionar para inclusão em orquestras masculinas, o que acabou levando à prática de audições às cegas. Embora agora as musicistas com formação musical tivessem maior probabilidade de serem contratadas, elas recebiam, injustamente, em média US\$500 a menos do que homens sem formação musical formal. (Jagow, 1998, p. 131, tradução nossa)

A prática das audições às cegas ajudou a diminuir preconceitos ao ocultar a identidade dos candidatos com um biombo durante o processo seletivo e esse método contribuiu profundamente para o aumento da presença feminina nas orquestras, embora as posições de liderança, como a regência e direção musical, continuassem predominantemente masculinas.



Entrevistas

Diversas questões e situações foram exemplificadas durante a revisão bibliográfica, e, buscando respostas atuais e precisas para essas e outras perguntas, três contrabaixistas profissionais foram convidadas a contribuir para a pesquisa¹ e dois critérios foram utilizados para a escolha das entrevistadas, sendo: o Tempo de Carreira no Instrumento, abrangendo variados anos de experiências com o instrumento; e o Nível de Influência que cada uma possui no meio musical, selecionando apenas instrumentistas que estão em orquestras atualmente e que ocupam, ou já ocuparam, algum cargo de liderança dentro do naipe de contrabaixos, procurando também compreender como essas mulheres se sentiram e foram vistas em um cargo de chefia.

As perguntas² foram elaboradas com o objetivo de conhecer essas três mulheres, entender suas trajetórias e buscar, em conjunto, achar os motivos pelos quais existem poucas mulheres tocando contrabaixo em orquestras profissionais brasileiras.

Resultados das entrevistas

Todas as contrabaixistas iniciaram seus estudos ainda criança em conservatórios públicos das regiões sudeste e centro-oeste do país, começando por outros instrumentos, como piano, oboé e baixo elétrico, escolhendo o contrabaixo de orquestra somente durante a adolescência ou pré-adolescência e sempre tendo aulas com professores homens.

A **Contrabaixista nº 1 (C.1)**³ começou a aprender o instrumento aos 12 anos em 1975, por se sentir atraída pelo instrumento devido seu registro grave, que lembrava a mão esquerda do piano. Uma de suas irmãs estudou no conservatório na mesma época e também se tornou musicista de orquestra. Durante seus 6 anos na instituição, ela teve colegas contrabaixistas, porém apenas duas seguiram carreira musical. Já a **Contrabaixista nº 2 (C.2)**⁴ iniciou seus estudos do instrumento aos 13 anos em 1996 e o escolheu porque queria aprender algum instrumento de cordas, além de conhecer outras meninas contrabaixistas do conservatório, que constituíam a metade de sua turma. Ela também estudou com as irmãs no mesmo curso de educação musical, mas não foi dito se elas seguiram para o meio profissional. Enquanto a **Contrabaixista nº 3 (C.3)**⁵ começou seus estudos aos 16 anos em 2015,

¹O modelo da Autorização do Uso de Informações encontra-se neste link: <https://bit.ly/4g2B489>.

²As questões discutidas durante as entrevistas encontram-se neste link: <https://bit.ly/4hHuvJr>.

³Entrevista de pesquisa concedida em 11 de junho de 2025, via Google Meet.

⁴Entrevista de pesquisa concedida em 28 de maio de 2025, via Google Meet.

⁵Entrevista de pesquisa concedida em 5 de junho de 2025, via WhatsApp.



decidindo aprender o contrabaixo de orquestra porque já tocava o baixo elétrico e teve a notícia que havia poucos instrumentistas de cordas na orquestra do município. Seus dois irmãos tocavam violão e em banda quando ela era pequena, contribuindo para um ambiente musical informal no lar.

Com relação à escolha do instrumento, as três contrabaixistas foram influenciadas por pessoas próximas, sejam amigos, professores ou colegas. Para as **C.1** e **C.2** não houve empecilhos na escolha, pois tiveram a experiência de estar em orquestras jovens desde cedo e ter outras meninas na turma de contrabaixos. Isso parece ter influenciado positivamente na escolha, por ser visto como algo natural, sem uma conotação preconceituosa. Já a **C.3** era uma das poucas pessoas de sua cidade que tocava contrabaixo, sendo a única da turma, e diz que não houve estranhamento à sua escolha vindo de pessoas próximas, porém ressaltou que “[...] sempre tem aquele olhar de ‘nossa, mulher tocando contrabaixo’ e [...] aquelas ideias assim de ‘nossa, mas você é tão pequena, o contrabaixo é tão grande’ [...]”.

As três entrevistadas ingressaram no meio musical por meio de orquestras jovens, seja durante a formação inicial nos anos de conservatório ou em orquestras de outros projetos durante a graduação. Em relação aos desafios interpessoais na chegada ao meio profissional, a **C.1** comenta que houve situações naturais das relações pessoais e da vida em sociedade, com alguns momentos difíceis no cotidiano, explicando que “Talvez seja um pouquinho mais difícil” para as mulheres, mas completa que todos passam por desafios, independente do gênero. Entretanto, para as **C.3**, “[...] ser mulher num ambiente profissional de orquestra e como contrabaixista é sempre uma subestimação, sempre estão esperando menos de você. E você tem que provar dobrado, ‘você toca mal até que se prove o contrário’, ‘você não é uma profissional confiável até que se prove o contrário.’”, e **C.2**, “A gente acaba se sentindo um peixe fora d’água, porque aquele ambiente é muito masculino [...] fica essa coisa de uma certa separação. [...] Quando comecei a fazer os trabalhos [na Europa] e comecei a ouvir sobre essa coisa de tirar mais som, [...] isso virou uma procura minha e tudo girou em torno disso depois [...] sim, continua presente [essa questão do som].”, houve momentos difíceis com colegas e regentes, e completam que para que o cenário musical profissional mude, diversos costumes e pensamentos da sociedade como um todo precisam ser repensados.

Em 1988, quando a **C.1** ingressou na orquestra que trabalha atualmente, havia outra contrabaixista no naipe, mas ela diz não ter sentido diferença de ter mais uma mulher no naipe porque a convivência com todos era bem harmoniosa. Enquanto as **C.2**, “Então, eu acho que se existissem mais mulheres nas orquestras profissionais, talvez a gente sofresse um pouco



menos desse preconceito em relação a nossa qualidade como instrumentista.”, e **C.3**, “Eu acho que [me sentiria] mais acompanhada, menos sozinha. Saber que tem alguém ali que divide as mesmas questões que eu tenho no quesito ser uma mulher contrabaixista. [...] um naipe com mais mulheres é até difícil de imaginar.”, dizem que se sentiriam acolhidas e fortalecidas se tivessem mais mulheres no naipe, por mais que continuasse sendo a minoria.

Durante todas as entrevistas foi ressaltado que para existirem mais mulheres tocando contrabaixo em orquestras profissionais precisamos que mais jovens instrumentistas se capacitem para o mercado de trabalho. Assertivamente, a **C.1** diz que “Eu acho que essa questão [...] tem que ser na base da pirâmide, que é o ensino básico: o conservatório, a escola de música ou talvez um projeto social.”, conectando com o pensamento da **C.2**, quando diz que “O caso específico do contrabaixo é bem complicado, porque, justamente, as mulheres que chegam a prestar os concursos profissionais já não são num número muito grande. [...] o fato de você não ver muitas mulheres nas orquestras profissionais talvez também influencie no fato de não tantas irem até esse estágio de prestar o concurso.” e da **C.3** ao falar que “[...] eu acho que nisso acaba se perdendo muitas, nisso de talvez não se ver, não se sentir representada quando olha pra uma orquestra e só vê homem... inconscientemente pode achar que isso não seja possível pra ela.”

Quanto ao problema da pesquisa, “quais são os desafios enfrentados por mulheres para integrar um naipe de contrabaixos nas orquestras sinfônicas brasileiras?”,

C.1 acredita “[...] que a dificuldade é igual para todo mundo. [...] eu não sei dizer isso pra você porque eu não sinto isso. [...] Eu acho que pra convivência num naipe o desafio maior além de cobrar o profissionalismo é conseguir ver as qualidades do colega, e não só os defeitos.”,

C.2 diz que “Eu acho que são esses: o questionamento da nossa qualidade profissional, essa questão da sonoridade, [...] o fato de você não ter outras colegas do seu mesmo instrumento alimenta mais ainda esse preconceito. [...] Então realmente a gente além de nós sermos descreditas profissionalmente às vezes ainda levam a gente para esse lado da ‘presença feminina’ nesse sentido machista de que a gente tá embelezando o naipe [...] Nós ainda vivemos num ambiente que a gente vai ter que se provar mais, tocar melhor e se destacar pra ser aceita normal, [...] Às vezes tem muito mais dedicação, estudo e títulos de concursos, entende? É uma provação muito grande, [...] Da dupla jornada de trabalho [...] ainda tem isso e por ser uma profissão de alta performance, que a gente precisa sempre estudar [...] então você pode ver que muitos desses contrabaixistas solistas que tão por aí, eles têm família, mas a mulher deles está lá, para eles poderem viajar o mundo como solistas! Então esse papel feminino de ter que cuidar de todo a sociedade, pode ser que reflita nesses números menores de mulheres profissionais nas orquestras. [...] na música como a gente precisa de muitos



anos estudando, também precisa do apoio da família, de acreditar naquela pessoa, que ela vai se tornar um profissional, ainda que por muitos anos ela não tenha retorno financeiramente, né?! Aquela menina, no caso. [...] geralmente os meninos já são mais incentivados desde criança, ‘vai lá que você vai conseguir fazer aquilo’, em qualquer carreira.”,

C.3 fala que “[...] quando você vê um naipe de contrabaixos de homens, quando você chega em um ambiente de homens, você vê como eles se tratam como brothers, como tipo ‘aah, nossa, um amigão’, não sei o que... e você vê que com uma mulher é diferente, então você acaba se sentindo à parte daquilo ali. [...] Eu vou usar acolhimento para isso, mas nem sei se é acolhimento ou pertencimento talvez, enfim, acho que pertencimento. De... a dificuldade das mulheres se sentirem pertencidas nesse espaço, que às vezes ela vai ser a única ou vai ser só ela e uma... e que você recebe um tratamento diferente. [...] Então, eu acho que isso assim, de se sentir pertencente e confortável nesse ambiente é muito mais difícil pra gente. [...] A segunda é o julgamento, a balança que julga a gente nunca é a mesma que julga os homens, sempre vai tender pra um lado. Sempre os nossos erros não são analisados da mesma forma, ou não são perdoados da mesma forma que os erros dos homens, [...]”

Mesmo com os frequentes e diversos desafios, todas acreditam que a experiência geral é positiva. Segundo a C.2: “Pra mim é tranquilo. Eu acho que também a gente vai passando por tantas experiências ao longo da nossa vida profissional... me acostumei em ser a única, digamos.”

Associação da revisão bibliográfica com as entrevistas

Diversas questões foram tratadas durante a pesquisa, tanto na revisão quanto nas entrevistas, e é possível observar pontos de concordância entre as entrevistadas e a bibliografia, mas também de discordância entre as mulheres, já que vivências individuais podem gerar diferentes perspectivas sobre os assuntos. Mesmo que as questões tenham sido elaboradas para conhecer as trajetórias das contrabaixistas, os temas da revisão bibliográfica surgiram entrelaçados com as histórias.

O papel da mulher na música e na sociedade mudou durante os anos abrangidos na revisão, e esse impacto foi percebido nas carreiras das contrabaixistas entrevistadas. Muitas das oportunidades de estudos e trabalho que existem no meio musical atualmente foram alcançadas apenas após as mudanças sociais que ocorreram no século XX, impactadas diretamente pelo movimento sufragista e as audições às cegas. A C.1 comentou que desde 1988 sua orquestra realiza apenas audições com biombo e a C.2 disse que sabe que só passou em alguns processos seletivos por ter sua identidade ocultada nas provas práticas.





Todas as contrabaixistas comentaram sobre a influência que acreditam que os papéis de gênero têm nas carreiras musicais, principalmente na transição entre os estudos e o meio profissional. Além de interligar a visão estereotipada da sociedade ao ideal feminino de cuidadora, também discorreram sobre a menor quantidade de oportunidades devido a entrada tardia das mulheres nas orquestras e a falta de professoras de contrabaixo, que parecem oferecer outra visão do ambiente de ensino, com a **C.3** comentando que “[...] é uma coisa que eu senti falta na minha formação [...] as meninas veriam e se sentiriam mais acolhidas, sabe?”

Quando indagadas se consideram que existe uma visão estereotipada da sociedade em relação ao contrabaixo, a **C.2** diz que “Sim, por causa do tamanho. Contrabaixo, a tuba, o trombone... tem alguns instrumentos assim que existe esse preconceito e menos mulheres tocando, também por conta do tamanho do instrumento. [...] Eu acho que o tamanho e essa coisa de associação de a força física para se tocar contrabaixo.”, concordando com a **C.1**, falando que “Talvez seja porque carregar o instrumento é pesado. [...] Eu acho que é um instrumento tido como masculino, mas eu acho que essa coisa está mudando através do advento da lutheria⁶. Na época que eu comecei o instrumento já era grande, porque não tinha outro. [...] Era $\frac{3}{4}$ e pronto.” e com a **C.3**, destacando que “Eu sempre penso que o problema tá na raiz, então o problema tá sempre em associar um instrumento grande a homens e associar mulheres como algo mais frágil, menos forte [...]”.

Considerações finais

Este ensaio buscou iniciar uma conversa sobre a “Representatividade Feminina no Contrabaixo de Orquestra”, apresentando um pequeno levantamento sobre momentos históricos que parecem ter influenciado na inserção das mulheres nas orquestras e entrevistando três contrabaixistas de diferentes gerações, para obter respostas com perspectivas variadas.

Após analisar toda a bibliografia levantada e sua associação com as três entrevistas, observa-se que os maiores desafios enfrentados por mulheres para integrar um naipe de contrabaixos nas orquestras sinfônicas brasileiras estão relacionados aos papéis de gênero debilitantes; sempre ser colocada em um lugar de destaque, seja positivo ou negativo, dificultando a real incorporação das mulheres nos naves; às presunções associadas a capacidade e habilidade; e a própria falta de representatividade, que contribui para a

⁶A partir da confecção de instrumentos com variados tamanhos, formatos, pesos e valores; facilitando o acesso e performance dos instrumentos.



impressão de que mulheres não deveriam ocupar aquele espaço. No entanto, houveram pequenos avanços ao longo dos anos, como o tímido aumento das mulheres contra baixistas nas orquestras brasileiras, algumas poucas ocupando cargos de liderança, regência e direção artística de grandes orquestras.

Esperamos que este artigo sirva como base para pesquisas futuras, onde a qualidade e quantidade das informações possam ser aprofundadas e que a sociedade seja incentivada a ter reflexões críticas sobre como o meio influencia as carreiras femininas, quais desenvolvimentos podem ser alcançados e quantas outras vagas de trabalho venham a ser ocupadas por mulheres, para que assim possamos efetivamente transformar essa realidade comprovadamente desigual.

Referências

FREDERICO, Sophia Alfonso. **O estereotipo de gênero dos instrumentos musicais ocidentais**: uma análise bibliográfica e iconográfica das fontes. São Paulo, 2023. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Instituto de Artes Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/64947e2b-6f34-4a0f-b0c2-ee13c9b863ab> Acesso em: 4 out. 2024.

HALLAM, Susan; ROGERS, Lynne; CREECH, Andrea. Gender differences in musical instrument choice. **International Journal of Music Education**. V. 26, n. 1, p. 7-19, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0255761407085646> Acesso em: 4 out. 2024.

JAGOW, Shelley M. Women Orchestral Conductors in America: The Struggle for Acceptance — An Historical View from the Nineteenth Century to the Present. **The College Music Society**. Missoula, v. 38, p. 126-145. 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40374324> Acesso em: 7 set. 2025.

ROSÁRIO, Ana Claudia Trevisan; CUNDA, Daniela Zago Gonçalves da. Sub-representação feminina na música: reflexões, desafios e tutela de igualdade de gênero, sob análise legislativa, das políticas públicas e de ações nesse contexto. **Per Musi**. Belo Horizonte, n. 42, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/36925> Acesso em: 4 out. 2024.